

Salmo 125

1 - Quando o Senhor recolher os cativos de Sião,
Feitos os consolados seremos.
2 - Então plena será de gáudio a nossa boca,
E de exultação a nossa língua.
Dir-se-á então entre as nações:
Engrandeceu o Senhor o criar com eles.
3 - Engrandeceu o Senhor o criar conosco.
Feitos os jubilosos seremos.
4 - Recolhe, Senhor, nossa escravidão,
Como torrente na calma luminosa.
5 - Quem semeia lacrimando, gaudioso irá segando.
6 - Aqueles que chorando foram portando sua semente,
Tornando ledos virão, seus feixes sustentando.

Salmo 129, De profundis.

Do profundo clamei a ti, Senhor:
2 - Senhor, cuida na minha voz:
Ao que a ti vou suplicando teus ouvidos se inclinem.
3 - Se olhares iniquidades, Senhor,
Senhor quem se sustentará?
4 - Que diante está de Ti a propiciação,
E por amor da Tua lei perseverarei contigo, Senhor.
Susteve-se minha alma em sua palavra.
5 - Esperou minha alma no Senhor.
6 - Do abrigo da manhã até a noite espere Israel no
Senhor.
7 - Que diante está d'Ele a misericórdia,
E copiosa redenção.
8 - E esta própria redimirá Israel de toda a sua iniquidade.

Psalmus 125

In convertendo Dominus captivitatem Sion,
facti sumus sicut consolati.
2 Tunc repletum est gaudio os nostrum,
et lingua nostra exultatione.
Tunc dicent inter gentes :
Magnificavit Dominus facere cum eis.
3 Magnificavit Dominus facere nobiscum ;
facti sumus lætantes.
4 Converte, Domine, captivitatem nostram,
sicut torrens in austro.
5 Qui seminant in lacrimis,
in exultatione metent.
6 Eunt ibant et flebant,
mittentes semina sua.
Venientes autem venient cum exultatione,
portantes manipulos suos.

Psalmus 129, De Profundis.

De profundis clamavi ad te, Domine ;
2 Domine, exaudi vocem meam.
Fiant aures tuæ intendentes in vocem deprecationis meæ.
3 Si iniquitates observaveris, Domine,
Domine, quis sustinebit ?
4 Quia apud te propitiatio est ;
et propter legem tuam sustinui te, Domine.
Sustinuit anima mea in verbo ejus :
5 speravit anima mea in Domino.
6 A custodia matutina usque ad noctem,
speret Israel in Domino. “
7 Quia apud Dominum misericordia,
et copiosa apud eum redemptio.
8 Et ipse redimet Israel”
ex omnibus iniquitatibus ejus.

A DIVINA COMÉDIA

CANTO PRIMEIRO.

No meio do caminho de nossa vida,
Me descobri em uma selva escura,
Cuja via direita era perdida.

Ai!, quanto a dizer qual era é coisa dura,
Esta selvagem selva, amara e forte,
Que o temor ao pensamento apura.

Tanto é amara, que pouco é mais Morte;
Mas p'ro bem tratar que por aqui encontrei
Direi outras coisas, que aqui guarda a sorte.

Eu não sei dizer bem como aqui entrei,
Tanto era pleno de sono este ponto,
Que a verdadeira via abandonei.

Mas pós que fui ao pé da escarpa junto,
Lá onde seu limite via a grã vazeza,
Que me o coração rendeu em dor compunto,

Pra cima olhei, e vi-a em sua alteza
Vestida já dos raios do planeta,
Que todos guia por vias com certeza.

Agora o temor foi um pouco quieto,
Que pelo lago do coração ardia
Na noite em que sofri co'o peito inquieto.

E como aquele que do vigor se esfria,
Do pelago saído já na praia,
À água se volta amara e o olho envia,

Assim o animo meu, que ainda fugia,
Se volve pronto a rever ao passo,
Que não jamais deixou pessoa em via.

Repousado por pouco o corpo lasso,
A via retomei pela acerba costa,
Tal que o pé firme sempre era o mais baixo.

E então quase ao começar dessa encosta,
Uma onça ligeira, e prestes muito,
Que em pelo maculado era coberta,

E não me partia diante do vulto,
Mas antes impedia tanto o meu caminho,
Que quis retornar minhas voltas muito.

Tempo era do princípio matutino,
E o Sol em Sul montava co'as estrelas,
Que eram com Ele, quando o amor divino,

Moveu de primo aquelas cousas belas.
Se que a esperar bem m'era razão,
Daquela fera de felinos pelos,

LA DIVINA COMMEDIA

CANTO PRIMO

Nel mezzo del cammin di nostra vita
mi ritrovai per una selva oscura,
ché la diritta via era smarrita.

Ahi quanto a dir qual era è cosa dura
esta selva selvaggia e aspra e forte
che nel pensier rinova la paura!

Tant' è amara che poco è più morte;
ma per trattar del ben ch'i' vi trovai,
dirò de l'altre cose ch'i' v'ho scorte.

Io non so ben ridir com' i' v'intrai,
tant' era pien di sonno a quel punto
che la verace via abbandonai.

Ma poi ch'i' fui al piè d'un colle giunto,
là dove terminava quella valle
che m'avea di paura il cor compunto,

guardai in alto e vidi le sue spalle
vestite già de' raggi del pianeta
che mena dritto altrui per ogni calle.

Allor fu la paura un poco queta,
che nel lago del cor m'era durata
la notte ch'i' passai con tanta pietà.

E come quei che con lena affannata,
uscito fuor del pelago a la riva,
si volge a l'acqua perigliosa e guata,

così l'animo mio, ch'ancor fuggiva,
si volse a retro a rimir lo passo
che non lasciò già mai persona viva.

Poi ch'èi posato un poco il corpo lasso,
ripresi via per la piaggia diserta,
sì che 'l piè fermo sempre era 'l più basso.

Ed ecco, quasi al cominciar de l'erta,
una lonza leggiera e presta molto,
che di pel macolato era coverta;

e non mi si partia dinanzi al volto,
anzi 'mpediva tanto il mio cammino,
ch'i' fui per ritornar più volte vòlto.

Temp' era dal principio del mattino,
e 'l sol montava 'n sù con quelle stelle
ch'eran con lui quando l'amor divino

mosse di prima quelle cose belle;
sì ch'a bene sperar m'era cagione
di quella fiera a la gaetta pelle

Da hora do tempo, e da doce estação, Mas não que temor não me metesse A vista que m'aparece dum leão.	l'ora del tempo e la dolce stagione; ma non sì che paura non mi desse la vista che m'apparve d'un leone.
Este se via que contra mim viesse, Co'a testa alta e com raivosa fome, Tal que o ar parecia que o temesse.	Questi pareva che contra me venisse con la test' alta e con rabbiosa fame, sì che pareva che l'aere ne tremesse.
E um lobo, que de vícios se consome, E de todos se via pleno em sua magreza, E a muitos fez que a miséria dome,	Ed una lupa, che di tutte brame sembiava carca ne la sua magrezza, e molte genti fé già viver grame,
Este me pôs em tanto de dureza Co'o medo que da vista lhe fugia, Que a esperança perdi de toda alteza.	questa mi porse tanto di gravezza con la paura ch'uscia di sua vista, ch'io perdei la speranza de l'altezza.
E como quem de grado conseguia, E o tempo vem que a perda se lhe impende, Em toda mente chora e se afligia,	E qual è quei che volontieri acquista, e giugne 'l tempo che perder lo face, che 'n tutti suoi pensier piange e s'attrista;
Assi do peito a paz me a besta espede, Que lenta me ao encontro vem surgindo, Porque ruindo fui onde o Sol se perde.	tal mi fece la bestia senza pace, che, venendomi 'ncontro, a poco a poco mi ripigneva là dove 'l sol tace.
Entanto em atro espaço ia sucumbindo, Ante os meus olhos se me fez oferto Quem em silêncio longo vivia indo.	Mentre ch'i' rovinava in basso loco, dinanzi a li occhi mi si fu offerto chi per lungo silenzio pareva fioco.
Quando esse percebi no grão deserto, "Apieda-te de mim", co'a voz feria, "Sejas tu sombra, sejas homem certo."	Quando vidi costui nel gran diserto, «Miserere di me», gridai a lui, «qual che tu sii, od ombra od omo certo!».
Respondeu: "Homem era quando vivia, E foram dos lombardos os meus padres, Que a pátria mantoana em si retia.	Rispuosemi: «Non omo, omo già fui, e li parenti miei furon lombardi, mantoani per patrïa ambedui.
Sub Júlio nasci, inda fosse tarde, E vivi em Roma sob o bom Augusto, Dos perfidos e falsos deuses a idade.	Nacqui sub Iulio, ancor che fosse tardi, e vissi a Roma sotto 'l buono Augusto nel tempo de li dèi falsi e bugiardi.
Poeta fui, e cantei daquele justo D'Anquise filho, vindo este de Tróia, Pós que Ilion soberbo foi combusto.	Poeta fui, e cantai di quel giusto figliuol d'Anchise che venne di Troia, poi che 'l superbo Ilión fu combusto.
Mas tu, retornas pois a tanta noia, Por que não galgas o delicioso monte, Que é princípio e razão de toda glória?"	Ma tu perché ritorni a tanta noia? perché non sali il diletto monte ch'è principio e cagion di tutta gioia?».
"Ah!, és tu aquele Virgílio, e a fonte De que expande em falar tão amplo rio", Respondi-lhe eu, com vergonhosa fronte.	«Or se' tu quel Virgilio e quella fonte che spandi di parlar sì largo fiume?», rispuos' io lui con vergognosa fronte.
"Ó dos outros poetas, luz e brio, Me valha o longo estudo e o grande amor, Que me fez buscar da obra tua o estio.	«O de li altri poeti onore e lume, vagliami 'l lungo studio e 'l grande amore che m'ha fatto cercar lo tuo volume.
Tu és o meu ledto mestre, o meu autor, Tu só és aquele de quem eu tolhi O belo estilo, que me portou honor.	Tu se' lo mio maestro e 'l mio autore, tu se' solo colui da cu' io tolsi lo bello stilo che m'ha fatto onore.

<p>Vê a besta pela qual eu me volvi, Ajuda-me por essa, ilustre guia, Por qual nos pulsos, e nas veias tremi.</p> <p>"Correr a ti convém por outra, Respondeu, pós que lagrimar me viui, Se campar queres dessa espessa via.</p> <p>Que a besta, por que tua voz o Céu feriu, Não deixa passar qualquer por via sua, Mas mata aquele a quem tanto impediui.</p> <p>E a natureza tanto tem má e crua, Que nunca pleno fez querer doente, Mas dantes sempre cresce a fome sua.</p> <p>São muitos animais com quem se junta, E mais ainda serão, até vir o veltro Que morte dar-lhe-á de dor compunta.</p> <p>Este não viverá de terra ou peltro, Mas de saber, d'amor e de virtude, E a nação sua será entre feltro e feltro.</p> <p>Da humilde aquela Itália fará saúde, Pela qual morreu a virgem Camila, Euríalo e Turno e Niso ao атаúde.</p> <p>Caçando este a irá por toda vila Té que a terá remessa pelo Inferno, Lá donde Inveja prima demitiu-a.</p> <p>Onde eu por teu melhor discirno e externo Que tu me sigsd, e me por guia haverás Daqui te trarei para espaço eterno;</p> <p>Lá estridos desesperados ouvirás, Verás antigos espíritos dolentes, Qu'a morte gritam eles segunda verás;</p> <p>Notarás quantos por lá são contentes No fogo, porque esperam de então ir, Quando que seja, às beatas gentes.</p> <p>Às quais, pois, se queres ir, Com alma subirás que eu mais dina, Co'ela te deixarei quando de ti partir,</p> <p>Que aquele imperador que lá reina, Porque rebelde fui ao que nos lege, Por mim, no que é seu, não quer que se venha.</p> <p>Em toda parte impera, e aqui rege, Aqui é a sua cidade, seu alto sólio, Felizes quantos Ele por cá elege!</p> <p>E eu a ele: "Eu, poeta, a ti imploro, Por esse Deus que tu não conheceste, Que deste mal e pior eu corra fora,</p>	<p>Vedi la bestia per cu' io mi volsi; aiutami da lei, famoso saggio, ch'ella mi fa tremar le vene e i polsi».</p> <p>«A te convien tenere altro viaggio», rispuose, poi che lagrimar mi vide, «se vuo' campar d'esto loco selvaggio;</p> <p>ché questa bestia, per la qual tu gride, non lascia altrui passar per la sua via, ma tanto lo 'mpedisce che l'uccide;</p> <p>e ha natura sì malvagia e ria, che mai non empie la bramosa voglia, e dopo 'l pasto ha più fame che pria.</p> <p>Molti son li animali a cui s'ammoglia, e più saranno ancora, infin che 'l veltro verrà, che la farà morir con doglia.</p> <p>Questi non ciberà terra né peltro, ma sapienza, amore e virtute, e sua nazione sarà tra feltro e feltro.</p> <p>Di quella umile Italia fia salute per cui morì la vergine Cammilla, Eurialo e Turno e Niso di ferute.</p> <p>Questi la caccerà per ogne villa, fin che l'avrà rimessa ne lo 'nferno, là onde 'nvidia prima dipartilla.</p> <p>Ond' io per lo tuo me' penso e discerno che tu mi segui, e io sarò tua guida, e trarrotti di qui per loco eterno;</p> <p>ove udirai le disperate strida, vedrai li antichi spiriti dolenti, ch'a la seconda morte ciascun grida;</p> <p>e vederai color che son contenti nel foco, perché speran di venire quando che sia a le beate genti.</p> <p>A le quai poi se tu vorrai salire, anima fia a ciò più di me degna: con lei ti lascerò nel mio partire;</p> <p>ché quello imperador che là sù regna, perch' i' fu' ribellante a la sua legge, non vuol che 'n sua città per me si vegna.</p> <p>In tutte parti impera e quivi regge; quivi è la sua città e l'alto seggio: oh felice colui cu' ivi elegge!».</p> <p>E io a lui: «Poeta, io ti richieggo per quello Dio che tu non conoscesti, a ciò ch'io fugga questo male e peggio,</p>
--	--

Que tu me guies lá, ou onde tu me disseste,
Tal que ante a porta de São Pedro seja,
E os tanto mestos veja que estendeste.

Ora se move, para que eu lhe após seja.

che tu mi meni là dov' or dicesti,
sì ch'io veggia la porta di san Pietro
e color cui tu fai cotanto mesti».

Allor si mosse, e io li tenni dietro.

CANTO NONO

Quel color che viltà di fuor mi pinse
veggendo il duca mio tornare in volta,
più tosto dentro il suo novo ristrinse.

Attento si fermò com' uom ch'ascolta;
ché l'occhio nol potea menare a lunga
per l'aere nero e per la nebbia folta.

«Pur a noi converrà vincer la punga»,
cominciò el, «se non... Tal ne s'offerse.
Oh quanto tarda a me ch'altri qui giunga!».

I' vidi ben sì com' ei ricoprese
lo cominciar con l'altro che poi venne,
che fur parole a le prime diverse;

ma nondimen paura il suo dir dienne,
perch' io traeva la parola tronca
forse a peggior sentenza che non tenne.

«In questo fondo de la trista conca
discende mai alcun del primo grado,
che sol per pena ha la speranza cionca?».

Questa question fec' io; e quei «Di rado
incontra», mi rispuose, «che di noi
faccia il cammino alcun per qual io vado.

Ver è ch'altra fiata qua giù fui,
congiurato da quella Eritón cruda
che richiamava l'ombre a' corpi sui.

Di poco era di me la carne nuda,
ch'ella mi fece intrar dentr' a quel muro,
per trarne un spirto del cerchio di Giuda.

Quell' è 'l più basso loco e 'l più oscuro,
e 'l più lontan dal ciel che tutto gira:
ben so 'l cammin; però ti fa sicuro.

Questa palude che 'l gran puzzo spira
cigne dintorno la città dolente,
u' non potemo intrare omai sanz' ira».

E altro disse, ma non l'ho a mente;
però che l'occhio m'avea tutto tratto
ver' l'alta torre a la cima rovente,

dove in un punto furon dritte ratto
tre furie infernal di sangue tinte,
che membra feminine avieno e atto,

e con idre verdissime eran cinte;
serpentelli e ceraste avien per crine,
onde le fiere tempie erano avvinte.

E quei, che ben conobbe le meschine
de la regina de l'eterno pianto,
«Guarda», mi disse, «le feroci Erine.

CANTO NONO

Aquela cor de que vergonha me tingiu,
Vendo o mestre meu volver da luta,
Mui breve a sua em si restringiu.

Atento estacou como homem que escuta,
Que o olho não podia longe estender,
Pelo ar escuro e pela névoa bruta.

"Pois a nós convirá a pugna vencer!
Se não... tal não se nos ofrecia...
Aí, quanto tarda a mi aquele aqui volver."

E vi bem como ele então recobria
O princípio co'a fala que seguiu,
Que verbo foi diverso ao que dizia.

E não me rendeu medo o que proferiu,
Porque retive a palavra cesa,
Como sentença pior que despediu.

"Neste pelago do fundo abismo,
Desceu jamais algum do grau primeiro,
Que só por pena há a esperança em cismo?"

Esta questão lhe fiz; e ele: "Aventureiro
De raro se vê, disse, que de nós
A via percorra por que vou inteiro.

É vero que outra vez aqui me pôs
A crua Eurítón que me fez jurado,
A que refazia quanto Morte decompôs.

Há pouco era de mim a carne escamada,
Quando ela me impingiu entrar o muro,
Por alma trazer de Juda a camada,

Esta é baixa, e lugar demais escuro,
E antípoda do Céu que tudo manda:
Bem sei o caminho, ora te faz seguro.

A palude, que o grão fedor emana,
Entorno cinge a cidade dolente,
Onde entrar se nos veda por ira ufana."

E mais disse, mas não o tenho em mente,
Porque a meus olhos tudo me encobre
Encima ver a alta torre ardente,

Onde num ponto guiadas se descobrem
Três Fúrias Infernais de sangue tintas,
Cujos membros feminis não se encobrem.

Estas hidras verdíssimas restringem,
Cerastes e serpentes iam nos cabelos,
Onde as ferozes faces mui se cingem.

E aquele que conhece com desvelo
As vassalas da rainha do eterno pranto,
"Vê, disse, as Erínias de iroso velo".

<p>Quest' è Megera dal sinistro canto; quella che piange dal destro è Aletto; Tesifón è nel mezzo»; e tacque a tanto.</p> <p>Con l'unghie si fendea ciascuna il petto; battensi a palme e gridavan sì alto, ch'i' mi strinsi al poeta per sospetto.</p> <p>«Vegna Medusa: sì 'l farem di smalto», dicevan tutte riguardando in giuso; «mal non vengiammo in Tesèo l'assalto».</p> <p>«Volgiti 'n dietro e tien lo viso chiuso; ché se 'l Gorgón si mostra e tu 'l vedessi, nulla sarebbe di tornar mai suso».</p> <p>Così disse 'l maestro; ed elli stessi mi volse, e non si tenne a le mie mani, che con le sue ancor non mi chiudessi.</p> <p>O voi ch'avete li 'ntelletti sani, mirate la dottrina che s'asconde sotto 'l velame de li versi strani.</p> <p>E già venìa su per le torbide onde un fracasso d'un suon, pien di spavento, per cui tremavano amendue le sponde,</p> <p>non altrimenti fatto che d'un vento impetüoso per li avversi ardori, che fier la selva e sanz' alcun rattento</p> <p>li rami schianta, abbatte e porta fori; dinanzi polveroso va superbo, e fa fuggir le fiere e li pastori.</p> <p>Li occhi mi sciolsi e disse: «Or drizza il nerbo del viso su per quella schiuma antica per indi ove quel fummo è più acerbo».</p> <p>Come le rane innanzi a la nimica biscia per l'acqua si dileguan tutte, fin ch'a la terra ciascuna s'abbica,</p> <p>vid' io più di mille anime distrutte fuggir così dinanzi ad un ch'al passo passava Stige con le piante asciutte.</p> <p>Dal volto removea quell' aere grasso, menando la sinistra innanzi spesso; e sol di quell' angoscia pareo lasso.</p> <p>Ben m'accorsi ch'elli era da ciel messo, e volsimi al maestro; e quei fé segno ch'i' stessi queto ed inchinassi ad esso.</p> <p>Ahi quanto mi pareo pien di disdegno! Venne a la porta e con una verghetta l'aperse, che non v'ebbe alcun ritegno.</p>	<p>Esta é Megera, de sinistro canto, Aquela é Aleto, que à destra chora, Tesífone é no meio; calou entanto.</p> <p>Com as unhas seu peito se deflora, Batiam-se, e bradavam tão alto, Que me cheguei ao poeta sem demora.</p> <p>"Venha Medusa, assi os faça basalto, Vociferavam todas baixo olhando, Mal não vingamos de Teseu o assalto!"</p> <p>"Volve-te em ti, e a vista vai cerrando, Que se Górgon se mostra, e tu a visse, De tornar acima já vás desesperando."</p> <p>O próprio mestre desta sorte disse, E não se fia em mim, mas com a sua mão Me cerra a vista, para que a não visse.</p> <p>Ó vós que tendes o intelecto são, O senso disso vede que se esconde, Sob este véu em que meus versos vão.</p> <p>Mas já das turvas ondas ali responde Um fracasso dum som em pleno espavento, Que ambas espáduas sofrem donde.</p> <p>Não doutro modo feito como vento, Impetuoso por ardores vários, Que fere a selva, e sem impedimento</p> <p>Os ramos rompe, abate em modos vários. Avante pulveriza e vai soberbo; E fera e pastor faz fugir temerários.</p> <p>O olhar me fende e diz: "Estende o nervo Da vista sobre a espuma antiga, Por donde o fumo emana mais acerbo."</p> <p>Assi como da rã ante a serpe imiga Pel'água se reparte a plebe unida Até que à Terra seca toda s'abriga.</p> <p>Vi espíritos em mais de mil destrutos, Fugindo diante dum que o passo Cortava Estige com os pés enxutos.</p> <p>Do vulto removía o ar, que era baço, A esquerda muito em meneios desferindo; E só por essa angústia se via lasso.</p> <p>Bem ali vi que ele era do Céu vindo, Voltei-me ao mestre, que sinal retem Que quieto ficasse em sendo advindo.</p> <p>Ai quanto parecia pleno de desdém! Veio a porta e com uma varita A abriu, e nada que o resista tem.</p>
--	---

<p>«O cacciati del ciel, gente dispetta», cominciò elli in su l'orribil soglia, «ond' esta oltracotanza in voi s'alletta?</p> <p>Perché recalcitrare a quella voglia a cui non puote il fin mai esser mozzo, e che più volte v'ha cresciuta doglia?</p> <p>Che giova ne le fata dar di cozzo? Cerbera vostro, se ben vi ricorda, ne porta ancor pelato il mento e 'l gozzo».</p> <p>Poi si rivolse per la strada lorda, e non fé motto a noi, ma fé semblante d'omo cui altra cura stringa e morda</p> <p>che quella di colui che li è davante; e noi movemmo i piedi inver' la terra, sicuri appresso le parole sante.</p> <p>Dentro li 'ntrammo sanz' alcuna guerra; e io, ch'avea di riguardar disio la condizion che tal fortezza serra,</p> <p>com' io fui dentro, l'occhio intorno invio: e veggio ad ogni man grande campagna, piena di duolo e di tormento rio.</p> <p>Sì come ad Arli, ove Rodano stagna, sì com' a Pola, presso del Carnaro ch'Italia chiude e suoi termini bagna,</p> <p>fanno i sepulcri tutt' il loco varo, così facevan quivi d'ogne parte, salvo che 'l modo v'era più amaro;</p> <p>ché tra li avelli fiamme erano sparte, per le quali eran sì del tutto accesi, che ferro più non chiede verun' arte.</p> <p>Tutti li lor coperchi eran sospesi, e fuor n'uscivan sì duri lamenti, che ben parean di miseri e d'offesi.</p> <p>E io: «Maestro, quai son quelle genti che, seppellite dentro da quell' arche, si fan sentir coi sospiri dolenti?».</p> <p>E quelli a me: «Qui son li eresiarche con lor seguaci, d'ogne setta, e molto più che non credi son le tombe carche.</p> <p>Simile qui con simile è sepolto, e i monumenti son più e men caldi». E poi ch'a la man destra si fu volto,</p> <p>passammo tra i martiri e li alti spaldi.</p>	<p>"Ó despejo do Céu, ó gente maldita, Começou ele na entrada da cidade, Onde este orgulho em vós se excita?</p> <p>Por que recalcitrar contra a vontade Da qual não pode o fim jamais cindir E que a dor vos já cresceu em que em vão vades?</p> <p>Quanto ganhais em princípios resistir? Memorai o vosso Cérbero que porta Imberbes queixo, manto, aqui a languir."</p> <p>Depois tornou pela estrada morta, Não fez moção a nós, mas fez semblante De homem que outra coisa cuida e porta,</p> <p>Que aquela de quem lhe vai diante. E nós os pés movemos vendo a terra, Seguros graças ao anjo instante.</p> <p>Dentro ali entramos sem nenhuma guerra; E eu que tinha de examinar ans'io A situação que o negro forte encerra,</p> <p>Assi que ali entrei a vista entorno envio, E vejo a toda mão o germe humano Pleno de dor; e ali de tormento um rio.</p> <p>Já como em Arles, onde morre Rodano, Já como em Polo perto de Carnário, Que Itália fecha e lança os fins em banho,</p> <p>Resolvem os sepulcros o ermo vário, Assi tornavam aqui por toda parte, Salvo que o modo era mais amaro;</p> <p>Que pelas tumbas flamas se repartem, Pelas quais ardiam de todo acensos, Que ferro nunca pediu doutra arte.</p> <p>Todos os toldos seus eram suspensos, E fora se espargiam lamentos ingentes, Que bem se viam míseros e ofensos.</p> <p>E eu: "Meu mestre que são estas gentes, Que sepultadas dentro destas arcas Fazem-se ouvir com os suspiros dolentes?"</p> <p>E ele a mim: "Aqui são os heresiarcas Co'os seus sequazes, mas com outros muitos, Que não crês, são dos féretros as cargas.</p> <p>Juntos aqui vão os símiles sepultos, E os monumentos ígneos crepitam." Depois que à mão destra deu seu vulto,</p> <p>Os flancos passamos, entre os que hesitam.</p>
--	---

GIOVANNI BOCCACCIO

Decameron

Novella Terza.

Melquisedeque judeu, com uma novela de três anéis, um grande perigo cessa a Saladino o guarnecendo.

Depois que, confiada em todas as novelas de Neifile, ela se cala, como à rainha agrada, Filomena assim começou a falar:

Da novela de Neifile dita retorna-me à memória o duvidoso caso já ocorrido a um judeu. Pelo que que já e de Deus e da verdade de nossa fé é muito bem ter sido dita, o discernimento ora dos sucessos dos homens e dos atos dos homens não se deverá desdizer; e sobre aqui narrar aquela verdade, a qual ouvida, talvez mais cautamente tornassem as respostas às questões que aqui fossem feitas. Vós deveis, amorosos companheiros, saber que, assim como a estultice vezes várias trai outrem de seu feliz estado e os mete em grandíssima miséria, assim o saber dos grandíssimos perigos trai o sábio e o depõe em grande e seguro repouso. E que verdade seja que a estultice de bom estado em miséria outrem conduza, o que por exemplos muitos se vê, os quais não confia ao presente o nosso cuidado de memorar, tendo cuidado que todos os mil exemplos aqui rendemos manifestos. Mas que o senso da consolação seja razão, como prometi, para uma novelinha brevemente o mostrarei.

Saladino, cujo valor foi tanto que não apenas de pequeno homem o fez de Babilônia o soberano, mas ainda muitas vitórias sobre os reis sarracenos e cristãos o fez haver, tendo em diversas guerras e na sua grandíssima magnificência disposto todo o seu tesouro e, por algum acidente vindo-lhe necessitar uma boa quantidade de dinheiro, não vendo donde de modo tão ligeiro o que lhe desejavam ter pudesse, veio-lhe à memória um judeu rico, cujo nome era Melquisedeque, o qual emprestava à usura em Alexandria, e cuidara que o tal o havia de servir quando o quisesse; mas tanto era avaro o judeu que de sua vontade jamais o fizera, e força não o movia a querer fazê-lo. Pelo que, afagando-lhe a necessidade, revolvendo-se todo a buscar modo por que o judeu o servisse, apercebeu-se de fazer-lhe violência por alguma razão colorida. E fazendo-o chamar e receber familiarmente, consigo fez-se sentar e presto disse:

– Homem valente, eu tenho de muitas pessoas conhecido que és sábio, e nas coisas de Deus avante muito percebes. Pelo que, de boa vontade, saberei de ti quais das três leis a verdade reputas, a judia, a sarrecena ou a cristã.

O judeu, o qual era verdadeiramente homem sábio, rápido descobre que Saladino cuidava de ganhá-lo com as palavras, para o poder mover a alguma questão, e pensou que não podia uma dessas três mais do que a outra louvar, que Saladino não tivesse para cada sua intenção. Pelo que, como o outro parecia ter urgência de resposta, pela qual imóvel não podia ficar, aguçando o engenho, rápido lhe vai avante aquilo que devesse dizer, e disse:

– Senhor meu, a questão que me fazes é bela, a querer-te dizer quanto penso, aqui me convém dizer-te uma novelinha, a qual ouvirás.

– Se eu não erro, recordo-me de ter muitas vezes ouvido dizer que um grande homem e rico foi já, o qual, entre as jóias mais caras que em seu tesouro tivesse, estava um anel bellissimo e precioso; ao qual, por seu valor e por sua beleza, querendo honrar e em perpétuo deixá-lo aos seus descendentes, ordenou que aquele de seu filho pelo qual, tal como herdado, fosse o anel encontrado, que este entendesse ser sua herança e fosse por todos outros honrado e venerado.

– E aquele dos quais foi deixado o anel ordenou de modo semelhante aos seus descendentes, e assim fez como feito havia seu predecessor; e breve andou aquele anel de mão em mão a muitos sucessores, e ultimamente veio às mãos de um, o qual tinha três filhinhos belos e virtuosos, e muito ao padre seu obedientes, pela qual coisa todos os três igualmente ele amava. E os jovens, os quais o costume do anel já conheciam, assim como possível ser de qualquer, o mais honrado entre eles, por si mesmo, como melhor sabia, rogava ao pai, o qual já era velho, que, quando a morte viesse, a ele o anel deixasse.

– O valente homem, que igualmente todos amava, não sabia a esse eleger ao qual mais rápido deixar deveria, pensou, havendo-o a todos prometido, de querer a todos três satisfazer; e secretamente a um bom mestre a eles fez fazer dois outros anéis, os quais foram semelhantes ao primeiro, que somente o próprio que os fizera conhecia qual dentre eles era o verdadeiro. E vindo a morte, secretamente deu o seu a cada um dos filhos. Os quais, depois da morte do pai, querendo todos a herança e a honra tomar, e um negando-as ao outro, isso fez em testemunho de dever razoavelmente todos apresentar fora o seu anel. E viram-se os anéis tão similares que descobrir qual fosse o verdadeiro não se podia, assim permaneceu a questão, qual fosse o verdadeiro herdeiro do pai, pendente, e ainda pendente.

– E assim te digo, senhor meu, das três leis aos três povos procedem de Deus Padre, das quais a questão propusete: a cada a sua herança, a sua verdadeira lei e o seus mandamentos diretamente, se crês, haver e praticar; mas quem O tenha, como sobre os anéis, pende ainda a questão.

Saladino percebeu que otimamente esse fugira do laço que lhe havia posto diante. E por isso, determinou dizer-lhe sua necessidade e ver se ele o servir quisesse; e assim o fez, abrindo-lhe o que tinha de fazer, tão discretamente como se não o tivesse respondido.

O judeu liberalmente de toda a quantidade que Saladino demandou o serve; e Saladino depois inteiramente o satisfaz; e doutra feita lhe doou grandíssimos dons e sempre por seu amigo o teve e em grande e honrável estado perto de si o mantém.